

O ESPAÇO EXÓTICO NA *HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA*: “NOVOS CÉUS, NOVA TERRA”

António M. Andrade Moniz

Nos relatos de naufrágios, o **Mar** e a **Terra**, com a respectiva fauna e flora, são espaços privilegiados da aventura **exótica**, proporcionando a abertura de novos horizontes geo-culturais que exigem uma reflexão sobre o essencial da condição humana, no binómio polarizador da **imanência** e da **transcendência**, do **profano** e do **sagrado**, do **tempo** e da **eternidade**.

De 1552 a 1602, os doze relatos que constituem o **corpus** textual da *História Trágico-Marítima* desenham, no período cronológico de meio século, o espaço planetário de meio mundo, da Europa à Ásia, passando por África, América e Oceânia, num percurso incessante, rico de informações e vivências.

Integrando-se na tradição portuguesa da pesquisa oceânica e continental que entronca na iniciativa expansionista do primeiro monarca da Dinastia de Avis, a tomada de Ceuta, em 1415, as Relações de viagens continuam, em pleno quinhentismo, a sulcar mares incógnitos e a desvendar novos mundos ao Mundo. É o grande contributo nacional à comunidade internacional, tanto no que concerne ao macro-espaço, a geografia e a cosmografia de grande amplitude, como no que se refere ao micro-espaço, à zoologia, à botânica, à climatologia, à ecologia, à farmacologia, etc. O **espaço psicológico**, ou da vivência subjectiva, filtra poeticamente a amálgama de informações objectivas, organizando-as, emoldurando-as num tecido estético que visa **encantar**, para além do **conhecer** e do **dar a conhecer**.

Eco de uma odisseia transatlântica e transoceânica, devassando o **Planeta** em várias latitudes e longitudes, a *História Trágico-Marítima* consagra grande parte do seu *corpus* textual ao registo paracientífico, ainda que simultaneamente estético, dos **novos mares, novas terras e novos céus** como, em epílogo, se reconhece no **XI relato**, embora muito ficasse por referir:

“Para fer taõ comprido fiz primeiro a falva, e fora-o mais fe quizera apontar tudo o que por tantos mares e terras hiamos vendo, e notando, efpecialmente fe deftes mares, e terras quizeramos paffar ao Ceo, e às obfervaçoens que nelle hiamos fazendo, como nos effeitos que caufa vizinhança do Sol, affim nas terras, como nos cõrpos humanos, o qual nõs tivemos aquem, e além da Linha feis vezes por zenit de noffas cabeças, fem fazer fombra alguma mais, que as plantas dos pès lançaõ para o centro da terra”¹.

Assim, o **Cruzeiro do Sul**, metalinguisticamente explicado de acordo com o campo temático litúrgico, surge com toda a magnificência da sua corte, numa função orientadora imprescindível aos navegantes, religiosamente conotados de **romeiros**:

“No numero das eftrellas do outro Polo, na propria figura, e fermofura, e feição do Cruzeiro, affim chamado, pela muita femelhança que tem com o de que fe fervem as Igrejas no Officio das Trèvas, fituado com fuas quadras, que faõ as duas reflplandecentes eftrellas na Via Lactea, para que não falte aos que vivem naquelle hemisferio, efrada, nem guia de eftrellas para vir em romaria a Santiago”².

E, continuando as ilações metafóricas da alegoria astral, à boa maneira barroca, o sujeito da escrita joga com a polissemia das **nebulosas da constelação**, numa mensagem **ética** oportuna:

“[...] e em fim da da mifteriofa mancha, que tem junto de fi, com que parece que Deos quiz avizar aos que reflplandecem como eftrellas, que com qualquer defcuido em feo movimento fe cubriraõ logo de manchas”³.

¹ Bernardo Gomes de Brito, *Historia Tragico-Maritima...*, Lisboa Occidental, Congregação do Oratorio, Livraria d’Alcobaça, 1736, XI relato, T. II, pp. 433 s.

² *Ib.*, p. 434.

³ *Ib.*, pp. 434 s.

O Espaço Exótico na História Trágico-Marítima

Reportando os exercícios de orientação astronómica feitos em situação doméstica, não deixa o sujeito de relativizar também as imprecisões científicas da **agulha magnética**:

“[...] o que tudo vay a Agulha moſtrando; poſto que athè agora nunca ella quiz defcubrir a ninguem o fêgredo, porque em humas alturas não chega ao Norte, em outros paſſa, e em outras aponta fixa, e direitamente a elle, que elles chamaõ Noroeſtear, e Nordeſtear”⁴.

Apropriando-se do direito de afirmar a vastidão oceânica com maior razão do que a estreiteza mediterrânica, hiperbolicamente ampliada no verso virgiliano *Mare undique, et undique coelum*⁵, o narrador do **VI relato**, salientando o esforço feito em *taõ comprida e defgotôfa viagem*, observa, na travessia do Brasil até ao Cabo, a preponderância do elemento **diurno** sobre o **nocturno**, mesmo em tempo de Inverno, como uma **novidade do outro hemisfério**:

“Neſta travêſſa do Brazil tivemos os dias e noites bem differentes athè o Cabo, dos que tem as Naos que vem do Reyno por aqui em Junho, e em Julho; porque tivêmos ſempre os dias de quinze e dezaſeis horas, e as noites de oito e nove; parece que era entaõ aqui Veraõ, mas não para que poriffo os ventos, e màres foſſem menos furiôſos”⁶.

O calor tropical, sempre excessivo, se algumas vezes consegue contornar-se com soluções de relativa ultrapassagem, em outras não permite a sua tolerância, numa **canícula** abrasadora:

“[...] o Sol, e terra alli moſtràraõ fer muy demaſiadamente quentes, de maneira que a gente todas as tardes fe affentava por cima das entenas [...]; depois diſto ſbrevieraõ-nos quinze dias de grandes calmas, que parecia que andavamos metidos em brazas e chamas”⁷.

Então, numa revelação de perpétua **insatisfação** humana, cria-se a utópica idealização dos climas temperados:

“[...] com que fazia os dias paſſados taõ frios, e nevoſos, que agoados com eſtes, fe fizeraõ temperados, e affás bons dias”⁸.

⁴ Ib., p. 435.

⁵ *En.* V, 9: “Mar e céu por toda a parte.

⁶ Ib., VI relato, 1735, T.I, pp. 383 s.

⁷ Ib., III relato, T. I, p. 173. 203 s. Cf. ib., VI relato, T. I, pp. 403, 406.

⁸ Ib., VI relato, p. 406.

Daqui surge o vitupério, tão renascentista, à **cobiça**, *omnium malorum radix*, que está na origem do fenómeno expansionista⁹.

É este calor agónico, comparado à perfuração de agulhas no corpo, que leva o sujeito do **XI relato** a ironizar o alto preço da roupa, jocosamente considerada como uma penitência e um **purgatório** tropicais:

“A terra he calidiffima, e *affim* andaõ os corpos, como *fe* por todos feos pòros *eftiveffem* fahindo, ou entrando agulhas. Serve *esta* quentura de hum bem, já que a roupa lá he tão cara, de a *efcuzar* toda na cama; porque cuido eu, que quem a *foffrer*, por pouca, e leve que *feja*, farà huma *figular* penitencia, e *fe* *enfayarà* bem para o Purgatorio, e *fe* for com caridade, e por *este* *refpeito*, com huma *fó* noite de câ, pagarà muitos dias de lá”¹⁰.

Mas é a brusca transição entre o calor aberto e a chuva tormentosa que desencadeia as mais funestas consequências, desde o apodrecimento do material náutico à enfermidade geral dos corpos:

“[...] porque de primeiro tivemos o tempo tão quente, e calmofo, que nadavaõ os homens a bordo, como na Ribeira de Lisboa; *depois* as chuvas, e tormentas, de maneira que além de apodrecerem todos os aparelhos, nos corrompêraõ os corpos, pois de quinhentas e tantas *peffoas*, que na Nao hiaõ, não ficaraõ *fenaõ* *fó* quinze, que não *paffafem* *esta* furia de enfermidades, e doenças *graviffimas*”¹¹.

É esta **nova terra**, encimada por **novos céus**, que produz a **flora** e a **fauna** exóticas, as quais desempenham papel de subido relevo no **corpus** textual da *História Trágico-Marítima*, numa nítida exposição de interesse paracientífico, a que não é alheio o valor estético-literário e humano. É a velha Europa que, vivendo o dinamismo de uma **nova época**, descobre, com grande entusiasmo e emoção, **novos mundos** que, confrontados com a estreiteza monótona do seu olhar, põem em causa a **velha rotina** e a mediocridade do já conhecido e dominado.

Como sempre, na **dialéctica do conhecer**, do adaptar-se e do aprender a **viver**, a **ambiguidade** marca o registo vivencial destes **testemunhos** da observação.

⁹ Cf. Id., ib., pp. 406 s.

¹⁰ Ib., XI relato, T. II, p. 415.

¹¹ Ib., VI relato, T. I, p. 364.

O Espaço Exótico na História Trágico-Marítima

Nesta ordem de ideias, porque impedem o contacto directo dos raios solares com a água da lagoa, as **árvores** são classificadas de **mal assombradas**, sendo aquela considerada **infernai**, devido à carência de frutos em brejos circundantes:

“[...] achámos que por toda a longura do brejo, que ferà meya legua, que cheya de humas arvores em extremo altas, e mal *affombradas*, por entre as quaes o Sol em nenhum tempo tem entrada a vizitar a agoa, que por baixo eftà encharcada, e daqui procede fer ella taõ fria, e de mão cheiro [...].

E como em todo aquelle tempo, que prolongavamos efta infernai alagoa, não achaffemos brejos, raizes, hervas, frutas, nem outro modo de mantimento com que nos *fuftentaffemos*; veyo a neceffidade a *fer* tanta, que nos forçava a comer humas favas, que foy a mayor e mais arrebatada peçonha de quantas nefte caminho comemos”¹².

O tamanho diminuto das raízes das árvores, uma das maravilhas descobertas no Novo Mundo, é interpretado pelos colonos ibéricos como uma característica de **pouca verdade**, cristalizada num apotegma pronunciado pela rainha D.Isabel, a Católica:

“[...] a qual ouvida pela Rainha Ifabel, *reſpondeo* aquelle, que agora he taõ celebrado apothema, ou dito naquellas partes: Que pois as arvores *neffas* terras tinhaõ poucas raizes, os homens *feriaõ* de pouca verdade. E profetizou bem na opiniaõ de todos os que là vivem, e na *noffa*, que o apalpâmos”¹³.

Apesar de constituírem **sinais** anunciadores de **terra**, os **garajaus**, e **tinhasas** incomodam com seus ruídos ensurdecedores, facto a que não será alheia a origem de tais nomes:

“Chamavaõ a *eftes* *paffaros* Garjãos, e *Tenhofas* a outros, que certo nos não ouviamos na Nao com os brãdos delles”¹⁴.

Os **tubarões**, **lagartos** e **cavalos-marinhos**, impedindo o nadar e a livre movimentação nos espaços marítimo e fluvial, desencadeiam o **medo** e o **pasmo**:

¹² Ib., II relato, T. I, pp. 124 s.

¹³ Ib., XI relato, T. II, p. 382.

¹⁴ Ib., III relato, T. I, p. 175.

“[...] alli era temerofo o nadar, por cauza dos tubaroens, que alli havia muitos”¹⁵.

“Nem acrefcentaõ menos prazer por fua parte os tubaroens, peixe féro, e carniceiro [...]. Para lhes fazer pagar feos continuos roubos, rapinas, e ladroices, os tomaõ às vezes com huns anzoës, como cambos de ferro”¹⁶.

“[...] encontraraõ [...] dous Lagartos, hum delles, tanto que ouvio o rumor da gente, fe meteo pelo mato com grandiffimo efrondo; e o outro fe tornava para o mar, taõ grande, e façanhofo, que parece fabula dizello”¹⁷.

“[...] e efte receavamos nõs em extremo [...] pelos muitos Cavalos marinhos, de que toda eftava cuberta, e vendonos, fe ajuntavaõ em grandes bandos, e levantando meyo corpos fobre a agoa, arremetiaõ para onde eftavamos com tanta furia e pinchos, que nenhum ouzava de fer o primeiro que cometteffe a paffagem”¹⁸.

Peça de grande graciosidade é a **ironia** jocosa, com uma conotação ético-social óbvia, do invertebrado brasileiro chamado **Preguiça**, através de recursos estilísticos como a hipérbole e a abundância de superlativos absolutos, sintéticos e analíticos:

“Alli vimos o animal Preguiça, de cuja preguiça ferà pouco tudo o que por cà fe terà ouvido [...]; porque fe elle fubio acima alguma hora nefta vida, ahi ha de eftar ainda: coufa he vagarofiffima e moleftiffima ver o tempo que ha mifter para andar quatro paffos, e affim não tem neceffidade de prizaõ, porque fua propria preguiça o he baftantiffima; pois nem para fugir de ameaças de morte dà hum paffo mais apreffado; e ainda que tem muitos bons pès, e maõs, e muy deffórmes unhas de comprimento de hum dedo, fempre leva o corpo arraftos eftendido pelo chaõ”¹⁹.

O discurso oratório, de natureza pedagógico-didáctica e finalidade ética, inscrito nos parâmetros da estética pré-barroca, continua com as ilações alegóricas e irónicas ao **genipavo** e ao seu poder de meta-

¹⁵ Ib., p. 192.

¹⁶ Ib., XI relato, T. II, pp. 321. 322.

¹⁷ Ib., VI relato, T. I, pp. 465 s.. Cf. VIII relato, T. II, p. 148.

¹⁸ Ib., II relato, T. I, p. 124. Cf. VIII relato, p. 140; X relato, p. 298.

¹⁹ Ib., XI relato, T. II, pp. 330 s.

morfose cromática, num labor imparável de decodificação dos enigmas da Natureza:

“[...] a qual fruta a natureza não fez para mais, que para em tempo de neceffidades, que fuccedem aos homens, fazer de presente, ou com feo fumo, ou com agoa que delle fe eftila, de hum homem branco, negro [...]. Dezejey muito de achar tambem outra contraria a efta; que affim como efta tem virtude para mudar o exterior de branco em negro, affim a tiveffe a outra para mudar o interior de negro em branco, que delle fe quizeffe fervir”²⁰.

Associada ao fruto mítico do **pecado original**, de acordo com uma tradição eclesiástica, a **banana** é figurada com as marcas visíveis da **redenção** universal, o Crucifixo, emblema indelével dessa memória histórica:

“[...] affim a fruta como a folha he taõ fermofa e deleitavel à vifta, que merecem muito perdão, fe erraõ os que por lá querem, que feja aquella a quem noffo primeiro Pay fe perdeo a fi, e a nòs, como Doutores antigos querem, e dizem que foy. E de muito melhor vontade lhe dèra efte perdão, quem vir, como nòs vimos, que certa efpecie dellas, quantos cortes lhe daõ, não ao comprido, fenaõ de travès, tantos Crucifixos apparecem, e à mofta, e não pouco impreffas, para que fe lhe não apagaffe nunca a memoria de pagar o que devia”²¹.

O **tabaco**, por analogia com o **vinho**, inexistente nas Índias ocidentais, apesar do nome terapêutico *herva santa*, é indirectamente considerado como um **narcótico** a partir da desmistificação irónica das suas qualidades:

“Em lugar de vinho, que, como diffe, não ha, lhe ferve o Tabaco, a que nòs chamamos Herva Santa; ao qual fe tem por todas as Indias achadas tantas virtudes, não fey fe reaes, fe imaginarias”²².

Na *Defcrição da Cidade de Columbo*, determinadas espécies botânicas são atribuídas ao domínio luciferino, como a **palmeira**, de cor dourada perene, numa articulação entre o **ouro** e o reino de Vulcano, que entronca já na Antiguidade romana e que a alquimia medieval desenvolveu, como no mito de Fausto:

²⁰ Ib., p. 376.

²¹ Ib., p. 130.

²² Ib., XI relato, T. II, p. 374.

“Em a noffa Cafca de Columbo ha huma Palmeira, cuja cafca, folhas novas e velhas, fruto em lanhas pequenas, e depois cocos, fempre tem a côr amarella, como de ouro, e quando lhe dà o Sol reflandece; e já pode fer, que efte feja o ramo de que falla o Poeta: *Aureus et fimili frondefcit virga metallo*²³. Digo ifto, porque daquelle diz Virgilio, que era a offerta de Proferpina: *Hoc fibi pulchra fuum ferri Proferpina munus inftituit*²⁴. E deftas Palmeiras, a que muitos chamaõ Reaes pela formofura da côr, das quaes efcreve o Padre Niculao Paludano, que naquellas anda, da noffa Companhia, que com mais razaõ fe podiaõ chamar Luceferinas, pois o fruto dellas não ferve de mais aos Chingalãs gentios, que de o offerecerem ao demonio”²⁵.

Em contraste com os frutos comestíveis, os **agrestes** são também conotados pelos Chingalás com a esfera **infern**al, pela ilusão do brilho, como na folha luciferina da palmeira descrita:

“Outras frutas ha em Ceilaõ deftas de efpinho, que de fua natureza faõ montefinhas e agrestes, logo conhecidas na cor e folhas que tem fobre negro, e taõ lizas e tenras, que parece reluzem; o fruto deftas arvores não fe cõme por não fer para iffo, mas tudo por eftes Gentios he offerecido ao diabo, que tudo aceita dos homens a troco de o reconhecerem por quem não he”²⁶.

As **dunas**, com sua flora selvagem, não satisfazem a fome e a sede dos caminhantes do sertão africano mas, em contrapartida, permitem o **alojamento provisório**:

“[...] começou a guiar o campo por hum caminho de area, pelo qual havia palmeiras bravas, humas dellas com tamaras, e outras com huma fruta, que em Cuama chamaõ Macomas, e faõ do tamanho e feiçaõ de peras pardas: e fendo já noite fe alojou debaixo de hum arvoredado fem agoa”²⁷.

A **fauna selvagem**, por sua vez, oferece, sobretudo aos nativos, a possibilidade de uma apetecida nutrição, em contraste com a desconfiança e o receio prudentes dos Portugueses:

²³ “Floresce um ramo dourado e semelhante ao metal”.

²⁴ “Com isto a bela Prosérpina criou uma oferta de ferro para si”.

²⁵ *Ib.*, *Defcriçaõ da Cidade de Columbo*, T. I, p. 262.

²⁶ *Ib.*, p. 265.

²⁷ *Ib.*, X relato, T. II, p. 300.

O Espaço Exótico na História Trágico-Marítima

“Comem tambem ratos, cobras, que elles eftimaõ muito, e zombaõ de as nõs não comermos: caçaõ algumas vezes, e tomaõ Bufaras, Merûs, Gazellas; e fe alcançaõ Bogios, e Tigres, tambem os comem. Alguns dos Portuguezes houve que provaraõ a carne do Tigre, e differaõ que não era de mão fabor”²⁸.

Esta preferência pelas **cobras**, neste caso em relação aos Ameríndios, é explicada no **XI relato** como consequência da sua qualidade carnívora:

“Tragaõ eftas hum Veado inteiro, fem fe lhe atraveffar na garganta nem hum offinho de toda fua armaçaõ, e affim as vi eu por là pintadas com elles na bocca. E por fe manterem de taõ boa carne, e de outras femelhantes, que pelo mato achaõ, fe fazem taõ faborofas ao gofto dos Indios, que quando as elles pòdem matar, as tem por fingular iguaria”²⁹.

Nota, porém, o mesmo narrador a capacidade portuguesa em superar os tabus alimentares, aludindo, para entender tal fenómeno, à mudança climática:

“E o melhor he, que os Portuguezes, ainda que nafcidos cà em Portugal, com o afco que todos temos a Cobras, e a Lagartos, mudado o clima, mudaõ tambem a natureza, e perdem todo efte affombramento, e achaõ em fua carne tanto gofto, como os Indios”³⁰.

A flora, entretanto, possui o condão de modificar a disposição dos animais ferozes, a partir do **perfume** suave e **inebriante**:

“Ha por aqui muitos Tigres, Onças, Leoens, Alifantes, e tantos Gatos de algalia, que muitas vezes cheiraõ a elles os matos, nos quaes fe viraõ muitas hervas com flores de cheiro fuave, como Mofqueta, Madrefilva, e outras hervas cheiròfas, que os fazem muito alegres”³¹.

A luta predadora pelos anfíbios, cuja influência sobre o *Sermão de S. António aos peixes* do Padre António Vieira é notória, assinala-se, tanto no mar como no ar, através de metáforas como o *fumo* e o *fogo*, o *dente* e a *unha*, atribuindo-se-lhes a designação mítica de Ícaros, através de um singular sinedóquico, afectivamente conotado de *coitadinho*:

²⁸ Ib., VIII relato, T. II, p. 115. Cf. id., ib., p. 149; X relato, T. II, pp. 244-297.

²⁹ Ib., XI relato, T. II, pp. 333 s.

³⁰ Ib., p. 334.

³¹ Ib., VIII relato, p. 115.

“He esta fraca e defarmada turba de Voadores perseguida no mar dos grandes, que em toda a parte fe querem manter dos pequenos; e no ar (que a natureza quando lhes deo azas, lhes affinou por couto) das verdadeiras aves que os desconhecem, e não querem admittir, nem receber taes moradores em feo elemento, nem agazalhar em fua caza. E affim fugindo os coitadinhos do fumo, cahem no fogo; e fugindo do dente, cahem na unha: E o peor he, que como os peixes grandes, a quem elles fugirão da bocca, fabem quaõ fingidas faõ aquellas azas, e quaõ prestes o coitadinho do Icaro ha de cair fobre as agoas, o vaõ feguindo por baixo com tanta ligeireza e velocidade, como elle voa por cima, athè que arremetidas as azas lhes cahe a pique na bocca”³².

A tartaruga, objecto de nutrição dos náufragos da Nau Conceição, bem como o lobo marinho e ervas várias, é descrita com a minúcia dos seus hábitos ovíparos:

“E alguns dias que o barquinho não podia hir ao mar, logo Noffo Senhor delle nos lançava o mantimento, que era lobo ou tartaruga: algumas tomavamos as quaes vinhaõ a defovar à terra: e cada huma tinha muita foma de ovos [...]; e algumas vezes pela manhã as achavamos cavando na terra com as mãos, e fazendo covas para pôrem os ovos, e os punhaõ em altura de huma vara de medir, e calcavaõ-nos muito com a terra, e depois de pòftos fe tornávaõ para o mar; e delles nafciaõ as tartarugas pequenas, e nafcidas logo hiaõ em bufca do mar fua natureza, e não fahiaõ fóra, fenaõ quando o mar, e o tempo andavaõ tempeftuosos”³³.

Por sua vez, a fauna e a flora, **sinais** anunciadores **de terra**, contêm igualmente a **ambiguidade** de uma notícia simultaneamente **feliz e temerosa**, consoante se considera a terra porto de salvação ou proximidade de naufrágio, ou mesmo, desconhecimento da localização geográfica:

“[...] vimos muitos finaes de terra de humas hervas, como as que chamaõ Coriòlas, muita fifcalhada, muitos gaivotoens, e entonaes, e o mar cuberto de outros paffaros [...];

vimos [...] muitos pedaços de bambûs, e pãos, e humas hervas [...] e outras como efpigas de milho de maçaroca, e de muitas tinhofas, e huma cobra, e hum pedaço de cana, como de bengala; com o que nos faziamos com terra”³⁴.

³² Ib. XI relato, T. II, p. 321.

³³ Ib., III relato, T. I, pp. 201 s. Cf. p. 204.

³⁴ Ib., VI relato, T. I, pp. 379. 417.

O Espaço Exótico na História Trágico-Marítima

Os **tubarões**, ainda que chamados *feros e carniceiros*, têm o condão de, *com fua vifta, alliviar a moleftia dos navegantes, fem quererem por feo ferviço mais jornal que a comida*³⁵. E, numa espécie de relação feudal, consentem que os pobres romeiros se sustentem das migalhas de sua farta mesa, os quais

“[...] para effe effeito de fegurança fua nunca lhes fahem das cõftas contrapoftos à bocca que vay por baixo; e fentem-fe elles taõ obrigados por eſta efmola (virtude propria de pobres, fer conhecidos e agradecidos) que prezo elle fe prendem elles [...] tendo por acto de muito primor [...] a quem feguiraõ no proſpero, acompanhar tambem no adverfo, e morrer com quem viveraõ”³⁶.

Artistas do Oceano, os **cetáceos** divertem os náufragos convalescentes no Colégio da Baía com suas piruetas graciosas, referência que confere ao texto uma interessante **descompressão**, através de um ritmo descritivo de autêntico bailado:

“[...] e o gaftaõ em continuas feſtas, faltos, e danças [...]. Do que nos nõs logrãmos bem em quanto a convalecença das doenças paſſadas naõ deixava olhar para outros livros, e parecer-lhes a ellas, que o fazem com tanto ar, e graça, que para que fe naõ perca volta fua que naõ feja vifta, tanto que de là do fundo chegaõ à fuperficie da agoa, lançaõ para cima hum gracioſo e grande borriſo, como que de huma pipa de agoa; e captada affim a atençaõ aos olhos fe vay levantando e empinando muy direita para o Ceo, athè que impedindo--lhe a natureza hir por diante, e tomar mais do elemento alheyo, dà com aquella graõ torre de carne ou peixe daveſſo, e a eſtende fobre a agoa com huma fonora pancada”³⁷.

Animal guerreiro, dotado pela Mãe Natureza com as armas defensivas mais completas, o **tatu** espanta o narrador do **XI relato** quanto ao sentido profundo deste dote tão versátil:

“Vimos outro animal, a quem os Brazils chamaõ Zatûs, ao qual a natureza armou de coçolete, efpaldar, coxetas, manoplas, a todas as mais peças com que a arte depois aprendeo a armar hum homem de ponto em branco; e fe Deos, e a natureza naõ fazem couza de balde, como Ariſtoteles diz, bem pudèra entrar entre feos Problemas eſte: Porque a

³⁵ Ib., XI relato, T. II, p. 321.

³⁶ Ib., p. 323.

³⁷ Ib., p. 329. Cf. T. I, pp. 382, 390; T. II, p. 135.

natureza armaria a este animal com tais armas? ou porque lhe estimaria, ou guardaria tanto a vida, para lhe fegurar tanto nas garras?”³⁸.

A **metamorfose** das borboletas em pássaros e do cão do Japão em peixe sugere implícita e subrepticamente a questão da **metempsicose**, tão expandida no Oriente, embora, apoiado em S.Basílio e S.Gregório, o sujeito se limite a transitar explicitamente entre a **leitura científica** de tal fenómeno e a **leitura moral** da ascese humana:

“Vimos mais huns paffarinhos, que depois de fe enfadarem de fer Borboletas, e de viver em tão baixo e tão imperfeito estado, com dezejo de fubir, e valer, que athè nos brutos parece que reina, fe paffão a outro mais alto, e mais perfeito, fazendo-fe paffarinhos muito lindos, e de cores mais louçans [...]. Cujá metamorfose, ou transformação crerá facilmente quem crer a do Caõ do Japão, que enfadado tambem de fer Caõ na terra, fe vay tambem a feo parecer melhorar, e fazer peixe no mar, que eu vi, e tive nas mãos com metade da converfão já feita em Lisboa, que os noffos Padres de là mandaraõ no anno de 1576 [...], o que parece fer mais; porque aquelles naõ mudaõ mais que a natureza: e este a natureza, e elemento”³⁹.

Esforçado na aprendizagem do **Livro da Natureza**, o narrador do **XI relato** destaca, ainda, a **liturgia dos bugios**, cuja linguagem gostaria de decodificar, exaltando as virtudes do orador nato:

“Das letras, e habilidades dos Bogios fe fabe cà muito pouco, e muito menos de feos Sermões, e exhortaçoes. Folgàra eu muito de entender o feo Latim, porque me naõ houvera de efcapar prègação, para faber fobre que materia tratara o prègador, e que virtudes, perfuadia a feos ouvintes, e a delicadeza de feos conceitos. Só fe fabe fer a peffoa do prègador mais reverendo, e fer acompanhado ao pulpito, por maior honra e autoridade, de dous acolitos, que fervem, durante o Sermaõ, de lhe eftarem alimpando a baba, que com o muito zelo, fervor, e corrente de palavras lhe cahe da bocca, fem faltar mais que vestir-lhe no cabo huma camiza quente, por lhe naõ dar algum ar; afóra outras mil couzas fuas desta qualidade, que pòdem bem inquietar o fizo de feos ouvintes”⁴⁰.

³⁸ Ib., p. 331.

³⁹ Ib., pp. 331 s.

⁴⁰ Ib., pp. 332 s.

O Espaço Exótico na História Trágico-Marítima

Numa concepção humanista bastante pronunciada, superando a vertente lúdica do texto, o sujeito da enunciação admira a Sapiência divina ao criar os **cocos antropomórficos** ao serviço de adultos e crianças:

“Huma dà huns coquinhos pouco mayores que avelans, com feo fociinho, boca, olhos, e nariz, que no Brazil chamaõ Vizicurum. Parece que quando a Sapiencia Divina fe andava defenfadando no mundo, creando nelle tantas, e taõ varias efpecies de couzas, quiz fazer cocos para os homens, e coquinhos para os meninos, fem mais outra differença, que a do corpo de huns grande, e de outros pequeno, que o gofto, e fabor do miolo em todos he o mefmo”⁴¹.

Trata-se, afinal e de certa forma, de uma nova *aurea aetas*, patente na fertilidade perene dos campos e das águas, sem necessidade de qualquer trabalho, mas por geração espontânea, que faz do **Novo Mundo** uma bênção divina:

“[...] e he a carne taõ gorda, como aquella a quem em todo o anno nunca fe lhe feca o pafto nos campos, nem agoa nos rios, nem vio nunca arado; por que lá nenhuma couza fe lavra”⁴².

O próprio **pau** é tão inflamável que *levemente roçado accende logo o fogo*. As **frutas**, com dupla função de **aperitivo** e **sobremesa**, abundam nas árvores como nos jardins mais formosos, pegando de estaca e por via geracional:

“Nem foy menos liberal nas frutas, humas para fobre meza, outras para lhe dar principio; porque o primeiro he laranjas, limoens, e cidras, e affim nafcem pelo monte, como qualquer arvoredado, taõ viftofas, e taõ fermofas, como nos mais frefcos jardins; e ascidras de muyto mayor grandeza, que nenhuma, que eu nefta noffa terra viffe; e he a terra taõ fazoavel diffõ, que prendem de eftaca, tomando para iffo os filhos, ou grelos, que nafcem nas velhas”⁴³.

Entre a **realidade** e o **mito** a distância é relativamente curta. Por isso, não é de estranhar que surjam, entre a representação verosímil da **fauna exótica** os animais **fantásticos**, que lembram os bestiários medievais:

⁴¹ Ib., p. 377.

⁴² Ib., p. 366.

⁴³ Ib., p. 367.

“[...] hum [boy] tinha tres cornos procedidos de hum que fahia da tefta hum palmo, donde todos tres com grande igualdade voltavaõ para baixo, ficando hum delles no meyo; e o outro boy tinha quatro, dous ordinarios, e outros dous, que debaixo deftes voltavaõ a redor das orelhas”⁴⁴.

É verdadeiramente um espaço diferente do europeu, cruzado entre o **mítico** e o **real**, que se desvenda aos olhos embevecidos dos Portugueses, como que dando razão a Montaigne e outros humanistas coevos, numa confirmação antecipada dos **novos céus e nova terra** anunciados no *Livro do Apocalipse*⁴⁵.

O símile da **árvore do Paraíso**, na bivalência das suas características, numa dialéctica dos sentidos, **atração estética versus repulsa nutricional** (distrofia), é bem uma **alegoria das coisas humanas**, do objecto a conquistar pelo homem, já simbolizado no mito genesíaco do pecado:

“Debaixo de huma arvore nos affentamos ao longo do mar huma tarde, de que ha grande copia entre aquelle arvoredado, que nas folhas, fruta, e cheiro, fe eftivera entre maceiras de algum pomar, as colhera, e comera por taes qualquer peffoa, e comeramos nõs tambem por ventura, fenaõ eftiveramos nõs jã avizados, que daquellas maçans fe não logravaõ mais fentidos, que a vista, e ocheiro, e não o gofto, por finiffima peçonha. Representou-fe-me alli Eva, como fe eftiveffemos ambos olhando para a arvore, e para a fruta, parecendo-nos a ambos *Pulchrum oculis, aspectuque delectabile*⁴⁶. Só houve diferença em não confentir eu com a tentação de comer, que tambem tinha, por eftimar mais a vida do corpo, do que ella eftimou a da alma, julgando o contrario do que ella julgou, que ainda que tinha tudo o mais, todavia *Non erat bonum lignum ad vefcendum*”⁴⁷.

A **susceptibilidade humana**, capaz de minar as relações mais harmoniosas, é, por sua vez, expressivamente significada numa **erva misteriosa**, chamada **viva**:

“Ha outra herva, que elles chamaõ Viva, que tambem tinhamos achado em outra parte, chea de tanto amor proprio, e taõ fentida, que

⁴⁴ Ib., X relato, T. II, p. 279.

⁴⁵ Cf. *Apoc.*, XXI, 1.

⁴⁶ “Bela aos olhos e de aspecto delectável” – *Gen.*, III, 6.

⁴⁷ “Não era uma árvore boa para comer” – Ib., XI relato, T.II, pp. 418 s.

O Espaço Exótico na História Trágico-Marítima

em lhe tocando leviffimamente, fê arrufa, e murcha logo, e quebranta logo com grande impeto; porèm dahi a pedaço, como lhe paffa aquella pirraffa, torna a erguer-fê, e a ficar como d'antes, enfinando affim, que o melhor remedio para curar os arrufos de muitos, he deixallos eftar quanto quizerem arrufados, que elles fê defarrufarãõ por fi, fem mais mimos, nem affagos”⁴⁸.

Toda esta **riqueza mitológica**, cujas virtualidades o sujeito da escrita não se cansa de explorar, é sumariada na **reflexão** que faz a propósito do mito cosmogónico que assinalou:

“Parece que não tem ainda a natureza das couzas perdido por cà nada daquelle vigor, com que Deos as creou; porque fô efta repofta pòde tirar o efpanto aos que de cà vãõ, e a pergunta, que fazem, onde fê pòde achar arvore taõ groffa, taõ comprida, e taõ uniforme?”⁴⁹.

⁴⁸ Ib., p. 418.

⁴⁹ Ib., p. 419.